

# TECNOLOGIA, MEMÓRIA E A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA

Ricardo Sodré Andrade

[ricardo@feudo.org](mailto:ricardo@feudo.org)

Universidade Federal da Bahia

## Resumo

Este trabalho discute a formação do arquivista no contexto da emergência das novas tecnologias da informação e comunicação, estruturantes na sociedade atual e cada vez mais presentes. A relação entre memória e tecnologia ao longo da história da humanidade e as possibilidades do porvir iniciam a discussão acerca da formação do arquivista, que segue com a apresentação das recomendações da *The Society of American Archivists* quanto aos conhecimentos tecnológicos necessários aos arquivistas.

Palavras-chave: Arquivista - formação; Memória e Tecnologia; Informática para arquivos; Informática para processos informacionais.

## ABSTRACT

*This paper discusses the formation of archivists in the context of the emergence of the so-called New Information and Communication Technologies (NICTs), which today are structuring certain aspects of society. The relationship between memory and technology in History and the future possibilities initiated the discussion on the archivist formation, that it follows with the presentation of the recommendations presented by The Society of American Archivists. They established, then, the technological knowledge the archivist should have.*

*Keywords: Archivists - formation; Memory and Technology; Informatics for information processes.*

## Introdução

Este ensaio pretende discutir uma habilidade elementar aos arquivistas: a capacidade de lidar com as tecnologias que propiciam o trabalho com seu objeto – a informação. Muitos destes profissionais parecem não ter muita afinidade ou mesmo interesse em aprender sobre essas tecnologias, imaginando que lidar diretamente com elas não faz parte de seu campo de

conhecimento ou que sempre terão um profissional da computação trabalhando ao lado para solucionar seus problemas.

A realidade tem apontado noutra direção. O fato é que o mínimo de conhecimento sobre informática é requisito básico e conhecer a fundo determinadas tecnologias é extremamente importante para agir em áreas específicas, como a preservação digital, por exemplo.

Belloto (2004) já ressaltou que:

Muitos dos especialistas que têm se preocupado com a formação e o desenvolvimento profissional do arquivista, em âmbito internacional, são unânimes em reconhecer as deficiências da formação, a falta de relação entre o mercado de trabalho e o mundo universitário, assim como apontar as fraquezas internas da profissão advindas não só da debilidade de formação, mas também da carência de maior consolidação das teorias, das normas, da evolução vertiginosa das tecnologias não acompanhada pelo mesmo ritmo no ensino e aprendizagem.

Todas as áreas do conhecimento e profissões encontram problemas enquanto se desenvolvem. A Arquivologia não é exceção. O ponto central que este texto aborda é exatamente o problema do descompasso entre a evolução das tecnologias da informação e o ensino e aprendizagem dessas na formação do arquivista. Espera-se, portanto, que este trabalho contribua na reflexão e discussão sobre a importância da apropriação da tecnologia como ferramenta facilitadora do trabalho do arquivista.

Para tanto, parte-se de considerações sobre o papel que, historicamente, as tecnologias vêm desempenhando na preservação da memória. Preservação essa que está no cerne do fazer arquivístico.

### **Memória e Tecnologia**

Quando se pensa em memória, focaliza-se, entre outras coisas, o local onde se pode resgatar a história humana. A oralidade foi a primeira forma de transmissão de conhecimento através das gerações, seguida da escrita e, finalmente, a forma proporcionada pela informática. É claro que a sucessão oralidade, escrita e informática, como afirma Lévy (1993, p. 10) não se dá através da simples substituição, mas antes pela incorporação de complexidade e deslocamento do “centro de gravidade”.

A manutenção da memória através da oralidade depende de fatores sociais muito próprios. A palavra falada na gestão da memória social é praticamente toda a matéria-prima de que é feita a estrutura cultural da sociedade que a adota como a principal tecnologia intelectual. Lévy ainda conta que a conexão da inteligência com a memória, sobretudo a auditiva, é bastante presente nessas culturas baseadas na oralidade. Ele cita vários exemplos: a escrita

suméria, que representa “sabedoria” com uma cabeça com grandes orelhas; a mitologia grega, onde Mnemosina (a Memória) tinha uma posição genealógica privilegiada; nas épocas que antecediam a escrita era mais comum as pessoas ouvirem vozes do que terem visões, como Joana d’Arc, que era analfabeta; e ainda os bardos, aedos e griots que aprendiam o ofício ouvindo os mais velhos (LÉVY, 1993, p. 77).

Em seguida à oralidade, o homem desenvolveu o registro das informações como forma de perpetuar sua memória. Das pinturas nas paredes das cavernas, passando pela pedra de Rosetta (que foi a chave para o entendimento de escritas cujo conhecimento necessário para decifrá-las havia se perdido) até os livros contemporâneos, temos uma seqüência de tentativas de memorização social.

Os registros baseados na escrita contam a história da humanidade mesmo quando não havia essa intenção a serem criados. Isso é percebido, por exemplo, quando estudamos acervos arquivísticos que contam as atrocidades dos conflitos bélicos, inclusive as classificadas como *crimes de guerra* e que estão registradas nos documentos de arquivo dos próprios criminosos. A história não saberia tanto acerca destes fatos se os próprios *malfeitores* não os tivessem registrado. Isso ocorre porque a natureza das atividades sociais força a criação do documento de arquivo que, por sua vez, culmina na possibilidade de resgate da memória humana.

Com a intensificação da presença da informática - que permite e condiciona a criação, captura e gestão da informação na sociedade contemporânea - inicia-se um processo de mudança do paradigma existente, disparando a percepção do valor da informação e, numa visão mais direcionada, contribuindo para o advento do que se chama Arquivística Pós-Custodial. A Arquivística Pós-Custodial elege a informação como objeto da arquivística, ao contrário das diversas abordagens tradicionais que apontam o documento, os arquivos, os usuários e outros, que não a informação, como objeto (BRITO, 2005).

O uso da informação pressupõe a possibilidade de sua recuperação. Se uma informação não pode ser recuperada, ela é inexistente na prática, nunca mais será alvo de análise, assimilação crítica e transformação em conhecimento por alguém. Neste caso, a memória coletiva passou por um processo de *esquecimento*. Colombo (1986, p. 96) esclarece que “é exatamente nisso que reside o mais agudo paradoxo da sociedade arquivística, pois não há memória em longo prazo que se mostre incapaz de esquecimento, sintoma de uma completude apenas ilusória e inatingível”.

Como se pode ter certeza - contemplando o panorama de uma linha temporal que se inicia com Gutenberg e vai até o futuro incerto da Era da Informação e Comunicação Eletrônica - que a sociedade do porvir não irá sofrer *esquecimento* do que construímos ou destruímos até hoje? Sabemos que Caminha esteve neste lado das Américas e relatou sua visão ao rei de

Portugal porque, confiando na sua autenticidade, a dita carta ao rei ainda está entre nós. Sabemos do genocídio da Guerra do Paraguai porque estamos historicamente próximos. Alguns de nós, nossos parentes ou amigos vivenciaram o período da ditadura militar no Brasil, por isso nos parece tão familiar. Sabemos do resultado das últimas eleições para Presidente da República porque participamos dela.

Entretanto, nossas mais recentes informações estão sendo registradas, em sua maioria, em bits. Muitas informações orgânicas e essenciais para uma futura reconstrução histórica estão trafegando, neste momento, em *infovias* construídas com fibra ótica, pelo éter, a procura de seu receptor ou sendo eliminadas de algum dispositivo de armazenamento com a justificativa de “estarem ocupando espaço”. Não possuímos políticas sólidas e socializadas para preservação destas informações em bits. Geralmente, numa situação guiada pelo senso comum, após os documentos cumprirem a finalidade pela qual foram criados, boa parte deles, incluindo os que poderiam formar a memória, matéria-prima da história, encontram um fim baseado no casual: a obsolescência de seu suporte ou eliminação sem método.

Como se saberá quando se irá parar de utilizar os suportes físicos tradicionais no registro de documentos, se isso em algum momento acontecer? Não se pode permitir uma espera passiva da chegada desse advento. Considera-se que ele não virá instantaneamente, mas é uma realidade que possui suas raízes de nascimento e desenvolvimento em nossa realidade atual, onde a cultura virtual já está presente, afetando modos e costumes de forma progressiva. A escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada, elaborando novas maneiras de pensar e conviver, impregnando a tecnologia em nossa realidade social e nas estruturas orgânicas desta sociedade (LÉVY, 1993).

Em algum momento teremos uma geração inteira de usuários e adeptos da virtualidade e de suas tecnologias estruturantes. Serão a força produtora e governante da sociedade baseada na informação e no conhecimento. Podemos imaginar que as decisões sociais que caminham a passos cautelosos hoje (como algumas questões de ordem jurídica), poderão ser rapidamente decididas numa velocidade a que, aliás, estamos nos acostumando, a do *just-in-time*.

O mundo provavelmente estará conectado em uma única e verdadeira comunidade global. Então estaremos no comando ou imersos em um tecnopólio<sup>1</sup> coercitivo? Qual marco tecnológico divisor de épocas se tornará real? Realidade Virtual, Inteligência Artificial ou uma terceira, ainda longe de nosso conhecimento e/ou criatividade, se firmará como o meio de informação e comunicação? Essas são questões sem resposta imediata exata, talvez até por sua subjetividade e indefinição conceitual. Possivelmente, mesmo que algo parecido se estabeleça

---

<sup>1</sup> Segundo Postman (1994, p. 61), um tecnopólio ocorre quando há submissão cultural à soberania da técnica e da tecnologia.

um dia, até lá estaremos às voltas com as tradicionais tecnologias de registro de informação, relativamente estáveis e presentes, em maior ou menor intensidade, nas diversas esferas sociais.

Muitos já nasceram sob o paradigma de sociedade em rede e *online* e em pouco tempo acreditaremos que os primitivos homens pós-industriais eram realmente lentos em suas decisões e ações, afetados, talvez, pela indisponibilidade das tecnologias que possibilitam ações e interações *just-in-time*. Lévy (1993, p. 115) anuncia essa nova noção temporal como *tempo pontual*, onde a humanidade entra em um novo ritmo de atividade, diferente do da história.

A tecnologia é a grande causadora dessas mudanças, porém, uma supervalorização desta pode ocorrer de forma exagerada e prejudicial, causando instabilidade ou deterioração em certas partes da realidade que se conhece e se vivencia atualmente. Em alguns aspectos sociais, podemos perceber que nuances desse acontecimento já se tornam reais. Um exemplo seria a transferência do atendimento de serviços públicos do “mundo físico” para atendimento via portais governamentais, considerando uma realidade em que não há acesso fácil à Internet para toda a população.

É verdade que cada revolução tecnológica re-configura a sociedade, alterando seus padrões econômicos, sociais e políticos, mas a tecnologia em si não é boa ou ruim. A revolução tecnológica representada pela junção das TICs, embora evidente, ainda é um processo em curso e, portanto, com riscos e possibilidades em aberto. Negroponte (1995, p. 215) reforça essa ambigüidade dizendo que “toda tecnologia ou dádiva da ciência possui seu lado obscuro, e a vida digital não constitui exceção”.

O que se sabe é que o registro da informação tem migrado de átomos para bits. Como vantagens, tempo e espaço, que se tornaram preocupações menores na Era da Informação, não serão mais obstáculo na Era que se seguirá, a da Pós-Informação, segundo Negroponte (1995, p. 157). Hoje a informação tem como público consumidor grupos de pessoas; na Era da Pós-Informação deverá gozar do privilégio da busca e recuperação personalizadas. A menor unidade demográfica é o indivíduo, retirando o homem da condição de elemento estatístico para elemento relevante; a assincronia toma lugar da sincronia na comunicação (NEGROPONTE, 1995).

Percebe-se, então, que a evolução das tecnologias utilizadas em ambientes informacionais deve ser acompanhada e entendida pelos profissionais da informação, sob pena de não conseguirem atuar no desenvolvimento das soluções informacionais necessárias ao ambiente onde atuam.

Neste cenário, o profissional arquivista, em particular, deverá estar habilitado a exercer as diversas atividades a que se propõe, considerando as tecnologias disponíveis. Entre essas atividades, destacam-se: a produção documental/informacional, a utilização e destinação de

documentos, a gestão da informação, a preservação e a disseminação da informação arquivística. A questão da preservação da informação, em especial, tem permeado as preocupações no meio arquivístico, como se verá a seguir.

### **A Preservação da Informação**

Em que tudo isso afeta no processo de preservação da informação relevante à retrospectiva histórica, a ser realizada no futuro?

Uma pergunta importante é se sabemos, realmente, se estamos preservando o necessário dessas informações em bits, quantitativa e qualitativamente?

A volatilidade da informação digitalizada causa temor aos que se preocupam com o futuro. Em todas as épocas, o homem possibilitou, mesmo que inconscientemente, formas de contar aos homens do porvir seus pensamentos e conhecimentos. Dos primitivos desenhos nas paredes até os livros atuais, encontramos uma diversidade de formas realmente surpreendentes e representativas da criatividade humana.

Mesmo sem intenção de estabelecer comunicação com a sociedade do futuro, o homem era levado a registrar seus atos. Suas atividades administrativas levavam à criação de registros dos mais diversos tipos. São esses registros que formam o conjunto denominado arquivo, um repositório de documentos produzidos ou acumulados por um organismo no exercício de suas funções. A permanência inerente aos suportes físicos ofereceu à informação registrada uma propriedade de “autopreservação” que os documentos digitais não oferecem por estarem em ambientes relativamente hostis. Sendo, portanto, mais frágeis, os documentos em suporte digital demandam maior atenção e zelo.

Lévy (1999, p. 114) diz que “a escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual se tornava possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que se encontravam a milhares de quilômetros, ou mortas a séculos”. A informática está fazendo revoluções de semelhante influência na atualidade e o profissional arquivista não pode prescindir de reconhecer seu papel frente aos documentos digitais.

A questão poderia se tornar mais complexa quando se pensa que, talvez, o que está sendo preservado hoje da massa digital, a princípio racionalmente, segundo o paradigma e contexto presente, não possa satisfazer plenamente o desejo de fazer história do homem do futuro. Lévy (1993, p. 148) lembra que “toda a teoria macluhaniana, por exemplo, fundamenta-se sobre a hipótese segundo a qual cada nova mídia reorganiza o *sensorium* dos indivíduos”. A evolução tecnológica poderia alterar o paradigma e o contexto de tal forma que influenciariam o desejo do homem frente à informação? A resposta se revela imprecisa, pois é um exercício de conhecer um futuro incerto.

## A formação em tecnologia dos novos arquivistas

Os chamados países de primeiro mundo já estão delineando suas políticas de formação de profissionais arquivistas para o cenário que está se estabelecendo. Exemplo disso é a posição adotada pela associação dos arquivistas dos Estados Unidos, no que se refere à necessidade de inclusão de tópicos de informática aplicada na formação ideal desses profissionais.

O *Guidelines for a Graduate Program in Archival Studies*<sup>2</sup> da *The Society of American Archivists (SAA)*<sup>3</sup>, aprovado em janeiro de 2002, define elementos que considera essenciais para a formação do currículo do profissional de Arquivologia. O documento divide estes elementos em dois grupos:

- a) **Core Archival Knowledge** (Conhecimento arquivístico básico), que proveria a base prática e teórica necessária ao profissional arquivista;
- b) **Interdisciplinary Knowledge** (Conhecimento interdisciplinar), que encaminharia o estudante a outras disciplinas e conhecimentos que aprofundem o entendimento do trabalho arquivístico. Os conhecimentos interdisciplinares também permitiriam aos estudantes se especializarem em aspectos específicos da arquivística ou em abordagens fortemente interdisciplinares.

A informática aplicada à Arquivologia é encontrada, de alguma forma, nos dois grupos acima. No *Core Archival Knowledge*, encontramos no subgrupo *Knowledge of the Profession*, os componentes curriculares que permitiriam ao estudante entender o caminho no qual a profissão tem se desenvolvido e as práticas específicas que tem evoluído no contexto atual. Há uma clara referência aos documentos digitais e sistemas de acesso no item “d”:

Documentos digitais e Sistemas de Acesso: Arquivistas precisam ter competências para aplicar o conhecimento arquivístico aos documentos em qualquer suporte e formato. Em todas as áreas do conhecimento arquivístico, uma educação profissional expressiva precisa incorporar o entendimento da natureza, formas de acesso e desafios da preservação de documentos digitais. Isso deveria incluir o conhecimento sobre o desenvolvimento de novos formatos de mídia e de documentos digitais e o desenvolvimento tecnológico acerca da produção, manutenção e uso de documentos. Adicionalmente, os programas de formação devem instruir os estudantes para o uso e desenvolvimento de sistemas de gestão de documentos e para identificação e aplicação de soluções tecnológicas apropriadas em vistas à facilitar todos os aspectos do trabalho arquivístico.<sup>4</sup> (tradução livre do autor)

<sup>2</sup> “Parâmetros para programas de pós-graduação em Arquivologia”. Nos Estados Unidos não existem graduações em Arquivologia, apenas programas de formação no nível de pós-graduação.

<sup>3</sup> [http://www.archivists.org/prof-education/ed\\_guidelines.asp](http://www.archivists.org/prof-education/ed_guidelines.asp)

<sup>4</sup> Digital Records and Access Systems: Archivists should be competent to apply archival knowledge to records and papers in any format. In all areas of archival knowledge, a sound professional education needs to incorporate an understanding of the nature, access issues, and preservation challenges of digital records and papers. This should include information on the development of new media formats and document genres, and changing information technologies for the creation, maintenance, and use of records and

No *Interdisciplinary Knowledge*, estão os conhecimentos interdisciplinares, nos quais os arquivistas devem possuir significativo entendimento de teorias, métodos e práticas. Encontramos a seguinte descrição relativa ao conjunto de conhecimento necessário à formação do profissional arquivista, denominada “Tecnologia da Informação”:

Uma significativa parcela dos documentos da sociedade atual está, cada vez mais, sendo produzida, reformatada, armazenada, descrita e recuperada na forma digital. Familiaridade com trabalho em rede, sistemas de telecomunicações, hardware e software é fundamental para empreender atividades arquivísticas em diversas instituições. Estudantes também precisam entender as interações entre o humano-computador para desenhar e desenvolver sistemas eficientes para os usuários. O currículo precisa incluir a oportunidade de desenvolver habilidades em administração de banco de dados, desenho e criação de websites e/ou comunicação visual. Também seria valioso o entendimento de metadados, familiaridade com linguagem de marcação e conhecimentos básicos de programação de computadores.<sup>5</sup> (tradução livre do autor)

Frente às afirmações acima, é interessante esclarecer que o saber arquivístico americano se orienta em dois eixos distintos: um representa a gestão de documentos (responsável pelo valor primário dos documentos), ligada aos *records management* e o outro eixo é dirigido para a arquivologia tradicional (responsável pelo valor documental secundário), coordenado justamente pela SAA (BRITTO, 1999, p. 16). Isso leva a crer que a política de formação expressa no documento acima não representa uma tentativa de “revolução” sem reconhecimento da tradição arquivística, como, talvez, alguns poderiam questionar frente às afirmações de que certos conhecimentos, como a programação de computadores, não é uma atividade destinada aos arquivistas.

Compreendemos que a formação arquivística e, por que não dizer, de todos os profissionais da informação, caminha para a aproximação com algumas disciplinas da computação, principalmente as que possuem relacionamento com a gestão e estudos da informação. Nos referimos à administração de bancos de dados, criação e/ou aplicação de

---

papers. Additionally, educational programs should help students to use and develop access systems for records and papers and to identify and apply appropriate technological solutions to facilitate all aspects of archival work.

<sup>5</sup> The significant records and papers of today's society are increasingly being created, reformatted, stored, described, and retrieved in electronic form. Familiarity with networking, telecommunications systems, hardware, and software is fundamental to performing archival functions in many institutional settings. Students also need to understand human/computer interaction to design and develop effective systems for users. The curriculum could include opportunities to develop skills in database management, spreadsheet applications, information architecture, website design and creation, and/or desktop publishing. Also valuable are an understanding of metadata, familiarity with markup languages, and basic programming skills.

conjuntos de metadados e até mesmo, em algum grau, o desenvolvimento de aplicações, utilizando-se de conhecimentos de programação.

É importante ressaltar, acerca do último exemplo no parágrafo anterior, que isso ainda parece distante e incompatível com a formação atual de arquivistas no Brasil. Programar ou criar um conjunto de rotinas lógicas para que o computador execute é apenas uma disciplina de um campo do conhecimento, uma parcela de conhecimento que poderia se juntar àqueles que já fazem parte dos currículos de Arquivologia que vigoram atualmente, como as disciplinas provenientes do Direito, Administração, História, Estatística, Comunicação, Linguística e outras (BELLOTO *apud* BOTTINO, 1999, p. 118), sem prejuízo para a identidade do profissional arquivista e agregando um valor importante, frente ao mercado de trabalho atual.

### **Considerações finais**

A infra-estrutura que permite que os documentos digitais sejam armazenados e disponibilizados para acesso via rede devem ser compreendidos. Não basta saber que “as informações estão armazenadas no computador e *passam* via Internet para o usuário”. Assim como um arquivista tradicional entende que determinada tinta pode estragar o papel em longo prazo, também deverá saber o funcionamento das tecnologias com que lida no seu cotidiano, para que possa conhecer, interferir e gerar soluções às questões que permeiam sua profissão.. Afinal, cabe a esse profissional a gestão e preservação do acervo, e preservar no paradigma digital significa entender o digital.

A formação do arquivista deverá contemplar o conhecimento básico das tecnologias utilizadas para permitir armazenamento e acesso de documentos digitais ou digitalizados. Além disso, a possibilidade de aprofundamento teórico acerca dessas tecnologias deverá ser incentivada aos aspirantes a arquivistas (VALENTIM, 2002; JAMBEIRO E SILVA, 2004).

Fonseca (2005, p. 62) afirma que houve uma mudança no modo pelo qual os arquivistas tentam preservar os documentos. Antes eles tentavam entender como os documentos eram criados e trabalhavam para mantê-los com o passar do tempo, depois que a utilidade primária expirava. Hoje, esses profissionais tentam garantir que os documentos sejam criados na origem segundo padrões que consideram aceitáveis para sua preservação. Como se pode atuar no gerenciamento da produção documental em meio digital sem compreender suficientemente este meio?

A valorização da informação no meio empresarial fez com que profissionais de outras áreas adquirissem competências para trabalhar com processos informacionais e mesmo adotassem a denominação de profissionais da informação, termo que, tradicionalmente, é uma referência aos profissionais arquivistas e bibliotecários (FERREIRA et al, 2004). Eles não mudaram

de profissão, apenas adquiriram competências que lhes possibilitaram ampliar o espectro de suas atividades originais, adequando-as aos novos cenários tecno-profissionais.

O mesmo se indica para os arquivistas: que adquiram competência em informática, para aplicá-la em suas atividades originais, principalmente considerando que nem todas as instituições dispõem de recursos para criar equipes interdisciplinares que congreguem, entre outros, profissionais de informática e arquivistas. Não se trata de trazer à realidade o temor que Belloto (2004) expressa, quando alerta que é preciso definir nitidamente a identidade do arquivista de modo a não confundir essa profissão com outra; trata-se de manter o profissional competitivo na arena profissional da sociedade atual.

Enfim, espera-se do arquivista competência suficiente para exercer as atividades que a ocupação demanda, o que exige habilidades para lidar com as novas tecnologias de informação e comunicações. Elas já fazem parte dos seus instrumentos de trabalho e serão cada vez mais comuns, caminhando celeremente para a obrigatoriedade de uso.

## Referências

- BELLOTO, H. L. **O Arquivista na sociedade contemporânea**. 2004. Disponível em: <<http://polo1.marilia.unesp.br/cedhum/pdf/texto01.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2006.
- BOTTINO, M. A interdisciplinaridade na graduação em Arquivologia. In: JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. (Orgs). **A formação do Arquivista no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1999.
- BRITO, D. M. de. A informação arquivística na Arquivologia pós-custodial. In: **Arquivística.Net**. v. 1. n. 1. 2005. Disponível em: <<http://www.arquivistica.net/ojs/viewarticle.php?id=12&layout=abstract>>. Acesso em: 26 mar. 2006.
- BRITTO, M. T. N. de. Cartografia do ensino universitário de Arquivologia nas Américas. In: JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. (Orgs). **A formação do Arquivista no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1999.
- COLOMBO, F. **Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica**. Tradução de Beatriz Borges. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FERREIRA, F.; BARROS, S.; FERREIRA, F.; NASCIMENTO, L.; ANDRADE, R. S.; SANTOS, J. N. Políticas de formação de profissionais da informação e competências essenciais. In: CINFORM – Encontro Nacional de Ciência da Informação, 5., 2004, Salvador. **Anais...** Salvador: Edufba, 2004. CD-ROM
- FONSECA, M. O. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- JAMBEIRO, O.; SILVA, H. P, da. A informação e suas profissões: a sobrevivência ao alcance de todos. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, v.5, n.4, ago. 2004

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

POSTMAN, N. **Tecnopólio**: a rendição da cultura à tecnologia. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Novel, 1994.

THE SOCIETY OF AMERICAN ARCHIVISTS. **Guidelines for a graduate program in Archival Studies**. 2002. Disponível em: [http://www.archivists.org/prof-education/ed\\_guidelines.asp](http://www.archivists.org/prof-education/ed_guidelines.asp). Acesso em: 22 mar. 2006.

VALENTIM, M. L. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: \_\_\_\_\_. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 117-132.